

Jung Chang

# A Imperatriz Viúva

Cixi, a concubina que mudou a China

Tradução de Lucília Filipe

 QUETZAL

Parte Um

# A Concubina Imperial numa Época Conturbada

(1835-1861)





# 1

## Concubina de Um Imperador

(1835-1856)

NA PRIMAVERA DE 1852, NUMA DAS SELEÇÕES PERIÓDICAS de consortes imperiais efetuadas em todo o país, uma rapariga de dezasseis anos chamou a atenção do imperador e foi escolhida como concubina. Um imperador chinês tinha direito a uma imperatriz e a tantas concubinas quantas quisesse. No arquivo da corte figura, simplesmente, como «a mulher da família Nala», sem nome próprio. Os nomes femininos eram considerados demasiado insignificantes para registo. Porém, em menos de dez anos, esta rapariga, cujo nome poderia ter sido esquecido para sempre<sup>1</sup>, abriu caminho para se tornar a governante da China e durante décadas — até à sua morte em 1908 — teria nas mãos o destino de um terço da população mundial. Foi a imperatriz viúva Cixi (também pronunciado Tzu Hsi). Este era o seu nome honorífico que significa «amável e alegre».

Provinha de uma das mais antigas e ilustres famílias manchus. Os manchus eram um povo que vivia originalmente na Manchúria, a nordeste, para além da Grande Muralha. Em 1644 a dinastia Ming foi derrubada na China por uma revolta dos camponeses e o último imperador Ming enforcou-se numa árvore no jardim das traseiras do seu palácio. Os manchus aproveitaram a oportunidade para irromper

---

<sup>1</sup> Supôs-se que o seu nome de solteira fosse *Lan*, o que significa «magnólia» ou «orquídea». Foi esse, efetivamente, o nome que lhe foi atribuído quando entrou na corte. Os seus descendentes sugerem que o seu nome era *Xing*, «amêndoa», que tem a mesma pronúncia que o carácter de «boa sorte».

através da Grande Muralha. Derrotaram os camponeses rebeldes, ocuparam toda a China e fundaram uma nova dinastia, chamada Grande Qing — «Grande Pureza». Apoderando-se da capital Ming, Beijing, os vitoriosos manchus avançaram para edificar um império com o triplo da dimensão do Império Ming, tendo ocupado, no seu auge, um território de 13 milhões de quilómetros quadrados — que rivalizava com os 9,6 milhões da atualidade.

Os conquistadores manchus, em número superior ao dos indígenas chineses, os han, numa proporção de cerca de cem para um, impuseram o seu domínio, a princípio, por meios brutais. Obrigaram os homens han a usar o penteado dos homens manchus como símbolo mais visível da submissão. Os homens han usavam tradicionalmente o cabelo comprido apanhado num carrapito, ao passo que os manchus rapavam o cabelo à volta e deixavam a parte do meio crescer, formando uma trança ao longo das costas. Quem quer que se recusasse a usar a trança era sumariamente decapitado. Na capital, os conquistadores expulsaram os han da Cidade Interior para a Cidade Exterior e separaram os dois grupos étnicos por muros e portões<sup>1</sup>. A repressão abrandou com os anos e, de uma maneira geral, os han não tinham uma vida pior do que os manchus. A animosidade étnica diminuiu, embora os cargos superiores permanecessem nas mãos dos manchus. Os casamentos inter-raciais eram proibidos, o que numa sociedade orientada para a família significava pouca relação entre os dois grupos. Contudo, os manchus adotaram grande parte da cultura e do sistema político han, e a administração do império, que se estendia a todos os cantos do país como um gigantesco polvo, era esmagadoramente dominada por funcionários han, escolhidos entre os letrados por meio de Exames Imperiais tradicionais que se baseavam nos clássicos confucianos. Aliás, os próprios imperadores manchus eram educados no confucionismo e alguns tornaram-se maiores eruditos do confucionismo do que os melhores dos han. Os manchus consideravam-se,

---

<sup>1</sup> Os han que tinham estado no exército manchu, na Manchúria, eram considerados manchus.

assim, chineses e referiam-se ao seu império como império «Chinês» ou «China» ou ainda «Qing».

A família reinante, os Aisin-Gioros, originou uma série de imperadores capazes e esforçados, que eram monarcas absolutos e tomavam todas as decisões importantes pessoalmente. Nem sequer havia um primeiro-ministro, apenas um gabinete de ajudantes, o Conselho Supremo. Os imperadores tinham de se levantar ao romper da aurora para ler relatórios, fazer reuniões, receber funcionários e emitir decretos. Os relatórios provenientes de toda a China eram analisados mal chegavam e raramente um assunto levava mais do que alguns dias a resolver. A sede do trono era a Cidade Proibida. Talvez o maior complexo palaciano imperial do mundo, este recinto retangular ocupava 720 mil metros quadrados, com um fosso de dimensão proporcional. Era rodeado por um muro de cerca de dez metros de altura e quase nove de espessura na base, com um imponente portão de cada lado e uma esplêndida torre de vigia a dominar cada esquina. Quase todos os edifícios do recinto apresentavam telhas vidradas num tom de amarelo reservado à corte. Sob a luz do sol, os extensos telhados eram um esplendor de ouro.

Uma região a oeste da Cidade Proibida constituía um centro de transporte de carvão, destinado à capital. Trazido das minas a oeste de Beijing, era transportado por caravanas de camelos e mulas, enfeitados com tilintantes campainhas. Dizia-se que entravam em Beijing diariamente cerca de cinco mil camelos. As caravanas paravam ali e os carregadores faziam as compras nas lojas, cujos nomes estavam bordados em bandeirolas ou a dourado em placas lacadas. As ruas não eram pavimentadas e a poeira macia que as cobria durante o tempo seco transformava-se num rio de lama depois de uma chuvada. Havia um mau cheiro penetrante proveniente de um sistema de esgoto que era tão antiquado quanto a cidade. O lixo era simplesmente despejado na beira das estradas e deixado aos cães e aves que procuravam alimento. Depois de comerem, grande número de abutres e de corvos invadiam em bando a Cidade Proibida, empoleirando-se nos seus telhados dourados e tornando-os negros.

Longe do tumulto estendia-se uma rede de becos estreitos e sossegados, designados *hu-tong*. Foi aí que no décimo dia do décimo mês lunar, em 1835, nasceu a futura imperatriz viúva da China, Cixi. Ali as casas eram espaçosas, com pátios escrupulosamente arranjados e limpos, em nítido contraste com as ruas caóticas e sujas. As principais divisões tinham portas e janelas viradas a sul para deixar entrar o sol, enquanto o lado norte tinha muros para proteção das tempestades de neve que varriam frequentemente a cidade. Os telhados eram cobertos por telhas cinzentas. As cores dos telhados estavam rigorosamente estipuladas: amarelo para os palácios reais, verde para os príncipes e cinzento para todos os outros.

A família de Cixi era, há gerações, de funcionários do Estado. O seu pai, Huizheng, trabalhou como secretário e depois chefe de seção do Ministério dos Funcionários do Estado. A família vivia bem e ela teve uma infância despreocupada. Sendo uma manchu foi dispensada do enfaixamento dos pés, uma prática han que torturava as mulheres há um milénio, comprimindo os pés de uma bebé e enfaixando-os fortemente para contrariar o seu crescimento. A maior parte dos outros costumes, tais como a segregação homem-mulher, era partilhada pelos manchus e os han. Sendo filha de uma família culta, Cixi aprendeu a ler e a escrever um pouco de chinês, a desenhar, a jogar xadrez, a bordar e a fazer vestidos, todos eles considerados talentos desejáveis numa jovem. Ela era uma aprendiz rápida e enérgica e desenvolveu um vasto leque de interesses. No futuro, quando era dever cerimonial da imperatriz viúva, num determinado dia auspicioso, tallar um molde para um vestido seu — como símbolo da feminilidade —, iria desempenhar a tarefa com enorme competência.

A sua instrução não incluiu a aprendizagem da língua manchu, que ela não falava, nem escrevia. (Quando se tornou governante da China teve de emitir uma ordem para que os relatórios escritos em manchu fossem traduzidos para chinês antes de lhe serem apresentados.) Como estiveram mergulhados na cultura chinesa durante 200 anos, a maior parte dos manchus não falava a sua língua original, embora fosse a língua oficial da dinastia e vários imperadores se tivessem esforçado para a preservar. O conhecimento de Cixi do chinês escrito

era rudimentar e poderia considerar-se «semianalfabeta». Isso não significa que lhe faltasse inteligência. A língua chinesa é muito difícil de aprender. É o único sistema linguístico importante do mundo que não tem um alfabeto e é composto de numerosos caracteres complicados — ideogramas — que têm de ser decorados um a um e, ainda por cima, sem relação com os sons. No tempo de Cixi, os textos escritos estavam completamente desligados da forma oral, por isso não se podia escrever simplesmente o que se dizia ou pensava. Para serem considerados «instruídos», os estudiosos tinham, pois, de passar cerca de uma década nos seus anos de formação a absorver os clássicos confucianos, que eram bastante limitados em amplitude e estímulo. Menos de um por cento da população era capaz de ler ou escrever o mínimo dos mínimos.

A ausência de uma instrução formal de Cixi era mais do que compensada pela sua inteligência intuitiva, que gostava de usar desde muito pequena. Em 1843, quando tinha sete anos, o império acabara de sair da primeira guerra com o Ocidente, a Guerra do Ópio, iniciada pela Grã-Bretanha em reação às exigências, por parte de Beijing, quanto ao comércio ilegal de ópio levado a cabo por comerciantes britânicos. A China foi derrotada e teve de pagar uma pesada indemnização. Desesperado por dinheiro, o imperador Daoguang (pai do futuro marido de Cixi) impediu os tradicionais presentes do filho às noivas — colares de ouro com corais e pérolas — e vetou os requintados banquetes de núpcias. As festividades de Ano Novo e de aniversário foram reduzidas e até canceladas e as concubinas reais menos importantes tiveram de complementar os seus magros rendimentos vendendo os seus bordados no mercado através de eunucos. Até o próprio imperador participava em investidas de surpresa ao guarda-roupa das concubinas para verificar se, contra as suas ordens, escondiam roupas extravagantes. Como parte de uma iniciativa determinada para pôr termo ao roubo, levado a cabo por funcionários do Estado, foi realizada uma investigação ao tesouro estatal, a qual revelou que haviam desaparecido mais de nove milhões de taéis de prata. Furioso, o imperador ordenou que todos os fiscais e inspetores superiores da reserva de prata dos últimos quarenta anos pagassem multas para compensar

o prejuízo — quer fossem ou não culpados. O bisavô de Cixi fora um dos fiscais e a sua parcela da multa atingia 43 200 taéis, uma quantia colossal, em comparação com a qual o seu ordenado de funcionário fora uma esmola. Como ele morrera há muito tempo, o seu filho, avô de Cixi, foi obrigado a pagar metade desta quantia, embora trabalhasse no Ministério das Penalidades e nada tivesse a ver com o cofre do Estado. Ao fim de três anos de uma luta inglória para angariar dinheiro, só conseguiu reunir 1800 taéis, e um édito assinado pelo imperador condenou-o à prisão, da qual só seria libertado quando o seu filho, pai de Cixi, entregasse o restante.

A vida da família ficou virada do avesso. Cixi, que tinha então onze anos, teve de aceitar trabalhos de costura para ganhar mais algum dinheiro — o que nunca mais esqueceria e haveria de contar às suas damas de companhia na corte. Como era a mais velha de duas filhas e três filhos, o pai discutiu o assunto com ela e ela esteve à altura da situação. As suas ideias eram cuidadosamente ponderadas e práticas: que bens vender, que valores empenhar, a quem recorrer para empréstimos e como abordar as pessoas. Finalmente a família juntou sessenta por cento da quantia, o suficiente para tirar o avô da prisão. O contributo da jovem Cixi para resolver a crise tornou-se lendário na família e o pai fez-lhe o maior elogio: «Esta minha filha mais parece um filho!»

Tratada como um filho, Cixi conseguia falar com o pai sobre coisas que eram, por norma, matérias vedadas às mulheres. As suas conversas focavam inevitavelmente questões oficiais e assuntos de Estado, que ajudaram a formar os interesses de Cixi para toda a vida. Como era consultada e via as suas opiniões serem postas em prática, adquiriu autoconfiança e nunca aceitou a ideia comum de que o cérebro das mulheres era inferior ao dos homens. A crise ajudou-a também a moldar o seu futuro método de governação. Tendo sentido a amargura do castigo arbitrário, iria esforçar-se por ser justa com os seus funcionários.

Como havia reunido uma considerável quantia para pagar a multa, o pai de Cixi, Huizheng, foi recompensado em 1849 com a nomeação pelo imperador como governador de uma vasta região da Mongólia. Nesse verão ele mudou-se para lá com a família e instalou-se em

Hohhot, hoje a capital provincial da Mongólia Interior. Cixi viajou pela primeira vez para fora da populosa Beijing, para lá da Grande Muralha em ruína e por um caminho pedregoso que levava às estepes da Mongólia, onde uma pradaria ininterrupta se estendia até ao horizonte longínquo. Ao longo da vida, Cixi sentir-se-ia apaixonada pelo ar livre e por espaços abertos.

Nesse seu novo cargo de governador, o pai de Cixi era responsável por cobrar impostos e de acordo com a prática ancestral e dominante, espoliava a população local para compensar as perdas que a família sofrera. Seria de esperar que o fizesse. Era costume os funcionários, que recebiam salários baixos, complementarem o seu rendimento com todos os extras que conseguissem obter — «dentro do razoável» — da população em geral. Cixi cresceu com esse género de corrupção como um modo de vida.

Em fevereiro de 1850, meses depois de a família se ter instalado na Mongólia, o imperador Daoguang morreu e sucedeu-lhe seu filho, o imperador Xianfeng. O novo imperador, então com dezanove anos, nascera prematuro e desde o berço revelava uma saúde frágil. Tinha um rosto magro, olhos melancólicos e coxeava, devido a uma queda de um cavalo durante uma das suas expedições de caça, que eram obrigatórias para os príncipes. Como um imperador é designado «dragão», as más-línguas em Beijing chamavam-lhe «o Dragão Coxo».

Após a sua coroação teve início por todo o império uma operação para selecionar as suas consortes. (Na altura, ele tinha uma consorte, uma concubina.) As candidatas, adolescentes, tinham de ser manchus ou mongóis, as han estavam excluídas. As suas famílias tinham de ultrapassar um determinado estatuto e tinham sido obrigadas, por lei, a registá-las quando atingiram a puberdade.

Cixi estava na lista e então, como as outras raparigas de toda a China, viajou para Beijing. Instalou-se novamente na antiga casa de família e esperou o momento em que todas as candidatas desfilariam perante o imperador. Depois de ele ter feito a sua escolha, algumas das raparigas seriam dadas a príncipes e a outros varões reais como consortes. As que não fossem escolhidas eram livres de voltar para

casa e casarem com outra pessoa. A inspeção na Cidade Proibida foi marcada para março de 1852.

O procedimento para a inspeção fora transmitido de geração em geração. Na véspera da data marcada, as candidatas eram levadas para o palácio em carroças puxadas por mulas — os «táxis» da época — que eram alugadas pelas famílias e pagas pela corte. Essas carroças pareciam baús com duas rodas e tinham uma cobertura de bambu entrelaçado ou de rotim, que fora mergulhado em óleo de noqueira para se tornar impermeável à chuva e à neve. Sobre ela eram lançadas cortinas em azul-claro e lá dentro eram empilhados colchões de algodão e feltro, e almofadas. Este era o meio de transporte comum até para as famílias de príncipes, mas no caso destas o interior era forrado a pele ou cetim, conforme a estação, enquanto a parte exterior tinha símbolos do estatuto do seu dono. Ao ver um veículo desses passar silenciosamente e desaparecer na escuridão que caía, Somerset Maugham comentou (mais tarde):

«Ficamos a pensar quem vai lá dentro de pernas cruzadas. Talvez um erudito [...] indo para uma visita a um amigo com quem irá trocar elaborados elogios e discutir a era dourada de Tang e Sung, que já não volta; talvez seja uma rapariga cantora envolta em sedas esplêndidas e com um casaco ricamente bordado, com jade no cabelo negro, convocada para uma festa onde poderá cantar uma canção e trocar ditos refinados com jovens galantes e suficientemente cultos para apreciarem o espírito.»

A carroça que parecia a Maugham transportar «todo o mistério do Oriente» era particularmente desconfortável, porque as suas rodas eram fixadas com arames e pregos, sem molas. O ocupante balançava para cima e para baixo pelas estradas de terra e pedras, batendo lá dentro em todo o lado. Era bastante difícil para europeus, que não estavam habituados, sentar-se de pernas cruzadas, sem assentos. O avô das irmãs Mitford, Algernon Freeman-Mitford, que não tardaria a ser adido da Legação Britânica em Beijing, afirmou: «Ao fim de dez horas numa carroça chinesa, um homem serve para pouco mais do que ser vendido num sucateiro.»

Em andamento lento, as carroças das candidatas convergiam para o exterior do portão das traseiras da Cidade Real, o recinto exterior que protegia a Cidade Proibida. Tal como a própria Cidade Proibida que já era enorme, essa gigantesca área exterior era igualmente circundada por grossas paredes vermelho-carmesim sob telhas vidradas com o mesmo amarelo real. Albergava templos, gabinetes, armazéns e oficinas, e havia cavalos, camelos e burros a entrar e a sair, prestando serviços à coroa. Naquele dia, ao pôr do sol, todas as atividades eram interrompidas e o caminho deixado livre para as carroças que transportavam as candidatas e entravam na Cidade Real segundo uma ordem estabelecida. Passando pela colina artificial Jingshan e atravessando o fosso, chegavam à porta norte da Cidade Proibida, a Porta do Poder Divino, que tinha um imponente e ornamentado telhado de dois níveis.

Esta era a entrada das traseiras para a Cidade Proibida. A porta sul, da frente, era proibida a mulheres. Aliás, toda a área frontal e principal era reservada a homens. Construída para cerimônias oficiais, era constituída por imponentes salões e terrenos vastos, vazios e pavimentados com pedras, como uma ausência notável de plantas. Não havia praticamente vegetação. Fora assim projetada porque se achava que as plantas transmitiam uma sensação de suavidade, que diminuiria a sensação de admiração: admiração pelo imperador, o Filho do Céu — porque o «Céu» era o deus último, místico e informe que os chineses adoravam. As mulheres tinham de ficar bem no interior da parte traseira da Cidade Proibida, o *hou-gong*, ou harém, onde não era permitida a entrada a qualquer homem, a não ser ao imperador e aos eunucos, que eram às centenas.

As potenciais estreantes no harém paravam fora do portão das traseiras e ali passavam a noite. Junto à imponente porta, as carroças estacionavam num enorme pátio pavimentado e à medida que a noite caía, cada lanterna lançava o seu círculo de luz. As candidatas passavam a noite confinadas às suas carroças, à espera que o portão abrisse ao alvorecer. Nessa altura, apeavam-se e eram conduzidas pelos eunucos até ao salão, onde seriam avaliadas pelo imperador. De pé, perante Sua Majestade, várias em fila, estavam especificamente dispensadas

de se prostrarem da forma obrigatória, ajoelhando-se e pondo a testa no chão. O imperador precisava de vê-las bem.

Além do nome de família, o «carácter» era um critério essencial. As candidatas tinham de demonstrar dignidade e delicadeza, graciosidade, gentileza e modéstia — e deviam saber como comportar-se na corte. O aspeto era secundário, mas tinha de ser agradável. Para se mostrarem com genuinidade, não era permitido às candidatas usarem roupas muito coloridas. Os vestidos que trajavam deviam ser simples, apenas com um pequeno bordado nas bainhas. Os vestidos manchus eram, geralmente, muito ornamentais. Iam dos ombros até ao chão e ficavam melhor com costas lisas. Os sapatos das mulheres manchus, elegantemente bordados, tinham uma elevação no meio das solas, que podia atingir 14 centímetros e as obrigava a ficarem direitas. Sobre o cabelo, usavam um toucado em forma de cruz, assemelhando-se a algo entre uma coroa e uma torre de portão de fortaleza, decorado com joias e flores, quando a ocasião o exigia. Nessas ocasiões só com um torcicolo se conseguia suportá-lo.

Cixi não era uma grande beleza, mas tinha pose. Embora fosse baixa, com cerca de um metro e meio, parecia muito mais alta, graças ao vestido, aos sapatos e ao toucado. Sentava-se direita e movia-se graciosamente, mesmo quando andava depressa naquilo a que alguns chamavam «andas». Fora abençoada com uma pele muito fina e umas mãos delicadas, que mesmo na velhice continuavam macias como as de uma jovem. A artista americana que a pintou mais tarde, Katharine Carl, descreveu assim a sua fisionomia: «Um nariz alto [...] um lábio superior bem desenhado, uma boca grande mas bonita com lábios expressivos e vermelhos, que, quando se abriam sobre os seus dentes brancos, davam ao seu sorriso um encanto especial; um queixo firme, mas sem uma firmeza exagerada e sem sinais de obstinação.» O seu traço mais atraente eram os olhos brilhantes e com vivacidade, como muitos diziam. Futuramente, durante as audiências, lançaria aos seus funcionários o olhar mais cativante, quando os seus olhos brilhavam de repente com temível autoridade. O futuro — e primeiro — Presidente da China, o general Yuan Shikai, que prestara serviço durante o seu reinado e tinha fama de ser feroz, confessou que o olhar dela era

a única coisa que o enervava. «Não sei porquê, mas o suor brotava. Ficava muito nervoso.»

Naquele momento os seus olhos transmitiram as mensagens certas e o imperador Xianfeng reparou. Manifestou o seu agrado e os funcionários da corte ficaram com o cartão de identificação dela. Incluída assim na lista das selecionadas, estava sujeita a mais exames e ficou uma noite na Cidade Proibida. Por fim, foi escolhida, com outras raparigas, entre centenas de candidatas. Não há dúvida de que era esse o futuro que ela queria. Cixi interessava-se por política e não tinha nenhum príncipe encantado à espera que ela regressasse. A segregação entre homem e mulher excluía qualquer ligação romântica e a ameaça de um castigo severo para qualquer família que promettesse a filha em casamento sem que esta tivesse sido primeiro rejeitada pelo imperador, significava que a família não poderia ter-lhe arranjado qualquer acordo de casamento. Embora após ser admitida na corte Cixi raramente visse a família, estava de forma oficial estipulado que os pais mais idosos de consortes reais podiam obter uma licença especial para visitarem as filhas e até permanecerem durante meses em casas de hóspedes num recanto da Cidade Proibida.

Foi estabelecida uma data para Cixi ocupar a sua nova casa: 26 de junho de 1852. Corresponhia ao fim formal do luto obrigatório de dois anos pelo falecido imperador Daoguang, assinalado pelo novo imperador com a visita ao mausoléu do seu falecido pai, a oeste de Beijing. Durante esse período de luto fora-lhe exigido que se abstivesse de sexo. Depois de entrar no palácio, Cixi recebeu o nome de *Lan*, que parece ter derivado do seu apelido Nala, que era escrito muitas vezes como Nalan. *Lan* era também a palavra para «magnólia» e «orquídea». Era comum dar a uma rapariga o nome de uma flor. Cixi não gostava do nome, e logo que se viu em posição de pedir um favor ao imperador, pediu-lhe que o mudasse.

O harém para onde ela entrou naquele dia de verão era um mundo de pátios entre muros e longos corredores estreitos. Ao contrário da

parte da frente, só para homens, este quarteirão tinha pouca grandiosidade, mas muitas árvores, flores e canteiros. A imperatriz ocupava aí um palácio, e as concubinas uns pequenos aposentos. Os quartos estavam decorados com seda bordada, mobiliário entalhado e ornamentos de pedrarias, mas era permitida pouca exibição da personalidade individual. O harém, como a Cidade Proibida, era governado por regras rígidas. Os objetos exatos que as raparigas podiam ter nos quartos, a quantidade e qualidade dos tecidos da sua roupa e os tipos de alimentos para o consumo diário eram meticulosamente determinados de acordo com o seu nível. Para alimentação, a imperatriz tinha um abastecimento diário de 13 quilos de carne, um frango, um pato, dez pacotes de chás, doze jarros de água especial das montanhas da Nascente de Jade, bem como quantidades estipuladas de diferentes espécies de vegetais, cereais, especiarias e outros ingredientes<sup>1</sup>. O seu abastecimento diário incluía também o leite produzido por nada menos do que vinte e cinco vacas. (Ao contrário da maior parte dos han, os manchus bebiam leite e comiam produtos lácteos.)

Cixi não foi feita imperatriz. Era uma concubina e até de baixa condição. Havia oito níveis na hierarquia de consortes imperiais e Cixi estava no sexto, o que a colocava no estrato mais baixo (do sexto ao oitavo). No seu estrato, Cixi não dispunha de vaca própria e só tinha direito a três quilos de carne por dia. Tinha quatro criadas pessoais, enquanto a imperatriz tinha dez, além de numerosos eunucos.

A nova imperatriz, uma rapariga chamada Zhen, que significa «castidade», entrou na corte com Cixi. Começara também como concubina, mas de um estrato superior, o quinto. Porém, passados quatro meses e antes do final do ano, fora promovida ao primeiro nível: imperatriz. Não foi devido à sua beleza, pois a imperatriz Zhen era bastante vulgar. Tinha também um físico fraco e as más-línguas que haviam alcunhado o marido de «Dragão Coxo» chamaram-lhe «a Fénix

---

<sup>1</sup> Os «restos» não eram deitados fora. Um imperador anterior havia decretado que fossem dados aos criados e os restos destes dados aos gatos e aos cães. Mesmo o que sobrava não devia ser deitado fora, mas sim seco e transformado em alimento para aves.

Frágil» (fénix era o símbolo da imperatriz). Possuía, contudo, a qualidade mais prezada numa imperatriz: tinha a personalidade e a habilidade para lidar com as outras consortes e dirigi-las, tal como aos criados. Um dos principais papéis da imperatriz era ser a gestora do harém, e a imperatriz Zhen desempenhava esse papel na perfeição. Sob a sua orientação, o harém estava notavelmente isento das intrigas e malícia que eram endêmicas nesses locais.

Não há provas de que Cixi fosse favorecida, enquanto concubina, pelo marido. Na Cidade Proibida a vida sexual do imperador era diligentemente registada. Ele escolhia a sua parceira sexual para a noite, assinalando o seu nome numa tábua de bambu que lhe era apresentada pelo chefe dos eunucos, durante o jantar, em que, geralmente, estava sozinho. Ele tinha dois quartos, um com espelhos e outro com biombos de seda. As camas eram rodeadas por cortinas de seda, dentro das quais pendiam sacos aromáticos. As cortinas da cama dos dois quartos eram corridas quando o imperador entrava num deles. Isso devia-se, aparentemente, a razões de segurança, por isso, nem mesmo os criados mais íntimos sabiam ao certo para que cama ia ele. Regras da corte proibiam que o imperador dormisse na cama das suas mulheres. Eram elas que iam à dele e, a crer na lenda, a escolhida era transportada até lá por um eunuco, nua e envolta em seda. Depois do sexo, a mulher ia-se embora. Não lhe era permitido pernoitar ali.

O Dragão Coxo adorava sexo. Existem mais histórias sobre as suas atividades sexuais do que sobre qualquer outro imperador Qing. As suas consortes depressa aumentaram para dezanove, algumas das quais promovidas de entre as criadas do palácio, que também eram escolhidas em toda a China, sobretudo entre famílias manchus de classe baixa. Além disso, eram trazidas para a sua cama mulheres de fora da corte. Havia mexericos de que na sua maioria eram conhecidas prostitutas han, que tinham os pés enfaixados, o que, segundo parece, o atraía muito. Como a Cidade Proibida tinha regras rigorosas, dizia-se que elas eram introduzidas clandestinamente no Velho Palácio de Verão — o *Yuan-ming-yuan*, Jardins do Esplendor Perfeito —, um gigantesco complexo ajardinado a uns oito quilómetros a oeste de Beijing. Ali, as regras eram menos rígidas, e o imperador podia entregar-se mais livremente a aventuras sexuais.

# Índice Geral

Sobre as Fontes .....	9
Nota da Autora .....	11
Mapa da China no Tempo da Imperatriz Viúva Cixi .....	12
Parte Um — A Concubina Imperial numa Época	
Conturbada (1835-1861) .....	15
1 Concubina de Um Imperador (1835-1856) .....	17
2 Da Guerra do Ópio até ao Incêndio do Velho Palácio de Verão (1839-1860) .....	34
3 Morte do Imperador Xianfeng (1860-1861) .....	57
4 O Golpe de Estado Que Mudou a China .....	63
Parte Dois — Reinar por trás do Trono do Seu Filho (1861-1875)	79
5 Primeiro Passo na Longa Via para a Modernidade .....	81
6 Primeiras Viagens ao Ocidente .....	100
7 Amor Condenado (1869) .....	116
8 Uma Vingança contra o Ocidente (1869-1871) .....	122
9 Vida e Morte do Imperador Tongzhi (1861-1875) .....	133

Parte Três — Governar através de Um Filho	
Adotivo (1875-1889) .....	151
10 Imperador aos Três Anos de Idade (1875) .....	153
11 A Modernização Acelera (1875-1889) .....	159
12 Defensora do Império (1875-1889) .....	172
Parte Quatro — O Imperador Guangxu Assume o Poder (1889-1898) .....	
13 Guangxu Afastado de Cixi (1875-1894) .....	191
14 O Palácio de Verão (1886-1894) .....	208
15 Em Retiro e em Lazer (1889-1894) .....	213
16 Guerra com o Japão (1894) .....	235
17 Uma Paz Que Arruinou a China (1895) .....	255
18 A Luta pela China (1895-1898) .....	264
Parte Cinco — À Boca de Cena (1898-1901) .....	
19 As Reformas de 1898 (1898) .....	283
20 Uma Conspiração para Matar Cixi (Setembro de 1898) ...	298
21 Desesperada por Destronar o Seu Filho Adotivo (1898-1900) .....	316
22 Rumo à Guerra contra as Potências Mundiais — com os <i>Boxers</i> (1899-1900) .....	326
23 Lutar até ao fim (1900) .....	344
24 Fuga (1900-1901) .....	355
25 Remorso (1900-1901) .....	370
Parte Seis — A Verdadeira Revolução da China Moderna (1901-1908) .....	
26 Regresso a Beijing (1901-1902) .....	385
27 Fazer Amizade com os Ocidentais (1902-1907) .....	392

28 A Revolução de Cixi (1902-1908) .....	409
29 O Voto! (1905-1908) .....	426
30 Lidar com Insurretos, Assassinos e os Japoneses (1902-1908) .....	434
31 Mortes (1908) .....	453
Epílogo: a China depois da Imperatriz Viúva Cixi .....	466
Arquivos Consultados .....	471
Bibliografia .....	473
Agradecimentos .....	497
Índice Remissivo .....	501
Lista de Ilustrações .....	513